

UERJ em Questão

Jornal Bimestral
setembro / outubro
de 2011
Ano XVIII • Nº 90

Universidade reelege seu primeiro Reitor



MAYANA GARCIA

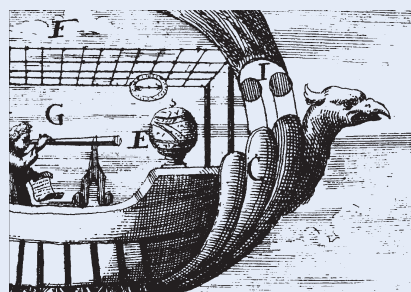
Na madrugada de sexta-feira, 28 de outubro de 2011, o professor Ricardo Vieiralves fez história na UERJ como o primeiro reitor a ser reeleito nos 60 anos de existência da Universidade. Com 69.22% dos votos válidos de docentes, técnico-administrativos e alunos, a chapa 20 (Responsabilidade UERJ), formada pelo professor Ricardo Vieiralves (Psicologia) e pelo professor Paulo Roberto Volpato (Ciências Médicas) venceu as eleições para o quadriênio 2012-2015.

> Página 3

Portais de universidades

Pela primeira vez na lista, a UERJ ficou em 43º lugar na classificação das instituições de ensino superior da América Latina segundo o Ranking de Métrica Web (*Webometrics Ranking*).

> Página 4



Coleção Brasileira

Bartolomeu Lourenço de Gusmão – o padre inventor é o primeiro volume de coleção que reproduz acervo da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, em Portugal. O livro foi lançado em agosto.

> Páginas 10 e 11

Parceria com a Alerj

A proposta é simplificar a legislação fluminense, que em setembro de 2011 reunia 5.692 leis em vigor no estado do Rio, resultado de uma média de 700 novas leis propostas por ano na Assembleia Legislativa.

> Página 13

Projeto instala módulo pioneiro na Antártica

Responsável pela criação do módulo que estudará os efeitos climáticos do buraco de ozônio na Antártica, o professor da UERJ Heitor Evangelista da Silva coordena a pesquisa que vai instalar o primeiro módulo independente e autossustentável no continente antártico. O Criosfera 1, como é chamado o contêiner, será o módulo brasileiro mais avançado do ponto de vista geográfico.

> Páginas 8 e 9



Estudo mapeia controle do diabetes 1

A Universidade também está presente em um dos mais completos levantamentos sobre diabetes no país, coordenado pela endocrinologista e professora da Faculdade de Ciências Médicas Marília de Brito Gomes. A análise revelou que a maioria dos brasileiros não tem a doença sob controle.

> Página 16

> EDITORIAL

Momento inédito

A madrugada do dia 28 de outubro de 2011 assinalou um momento inédito na história da UERJ: o resultado da primeira eleição em que candidatos concorreram com a possibilidade de reeleição aos cargos de reitor, diretores de centros setoriais e diretores de unidades acadêmicas e administrativas. Abertas as urnas, a chapa liderada pelo Reitor Ricardo Vieiralves, junto com o candidato a Vice-reitor Paulo Roberto Volpato, venceu com praticamente dois terços dos votos. Entre as suas propostas de campanha está dar continuidade a projetos como a interiorização e a internacionalização da Universidade, uma forma de divulgar a produção científica docente no estado do Rio e ter maior projeção no exterior. Justamente a interiorização e a internacionalização são temas de matéria sobre a nova referência regional da UERJ em Paraty com a criação do Casarão de Ciência e Cultura que, em parceria com três instituições italianas, vai abrigar a primeira Escola de Restauração de Bens Patrimoniais do Brasil.

Também são destaques nesta edição duas pesquisas inéditas coordenadas e desenvolvidas por professores da UERJ no âmbito nacional e internacional: no primeiro caso, mostramos aqui os resultados iniciais de um dos mais completos levantamentos sobre diabetes no país, intitulado *Estudo multicêntrico de diabetes do tipo 1*, realizado com 3.591 pacientes em todo o Brasil. Coordenado por professora da Faculdade de Ciências Médicas, alerta para o fato de que a maioria dos brasileiros não tem a doença sob controle. Outra pesquisa da Universidade que se destaca é a que vai instalar em dezembro de 2011 na Antártica o Criosfera 1, contêiner que opera como laboratório para estudos sobre a evolução do buraco de ozônio na atmosfera. O módulo, que é autônomo e autossustentável, será a presença mais avançada do Projeto Antártico Brasileiro (Proantar) em termos geográficos.

O lançamento em agosto, pela UERJ, da coleção Brasileira da Biblioteca Joanina é mais um resultado da parceria com a Universidade de Coimbra, em Portugal. A matéria traz informações sobre o livro *Bartolomeu Lourenço de Gusmão – o padre inventor*, o primeiro de uma série que pretende recuperar para os brasileiros algumas das obras raras da biblioteca portuguesa. O *UERJ Em Questão* também destaca a classificação da Universidade no Ranking de Métrica Web (*Webometrics Ranking*), que tem por objetivo incentivar a presença de instituições de ensino superior na internet. A UERJ se classificou em 43º lugar entre as universidades da América Latina aparecendo pela primeira vez na listagem. Com o objetivo de simplificar as várias leis estaduais (5.692 estavam em vigor no início do mês de setembro), a Assembleia Legislativa do Estado firmou convênio com a UERJ para utilizar o conhecimento dos seus especialistas. O leitor pode conhecer aqui esse acordo que vai possibilitar que as leis tenham mais fiscalização e, principalmente, sejam conhecidas pela população. Nossos desejos de uma boa leitura.

Laboratório de Aves contribui para a preservação de espécies do estado

Comemorado no dia 5 de outubro, o Dia Mundial das Aves mostra a cada ano que ainda há muito a ser feito em relação à sua preservação em praticamente todos os lugares do mundo. Junto com Colômbia e Peru, o Brasil está entre os três países com a maior diversidade de aves e é o primeiro país em espécies ameaçadas de extinção: 128, além de registrar uma espécie já considerada extinta – o Mutum-do-Nordeste, segundo dados da associação BirdLife International. O Laboratório de Ecologia de Aves está ligado ao Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, e segundo a sua coordenadora, professora Maria Alice Alves, apenas no estado do Rio existem cerca de 800 espécies, quase a metade das 1.800 registradas no país, conforme dados da Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil.

Ainda que o Rio de Janeiro seja região privilegiada em termos de biodiversidade de fauna e flora, existem hoje 82 espécies de aves ameaçadas, o maior número verificado nas Américas. Na tentativa de contribuir para a mudança dessa situação, o laboratório da UERJ está investindo em estudos das espécies endêmicas da Mata Atlântica: “Se não houver uma ação rápida para proteger as aves no seu habitat corremos o risco de perdê-las em pouco tempo. Por isso é importante investir em estudos que verifiquem o grau da ameaça, já que são poucas ou quase inexistentes pesquisas sobre as espécies, inclusive informações elementares como identificação, formas de reprodução, abundância e densidade populacional”, alerta a professora. O estudo das aves ameaçadas do estado tem auxílio da Faperj, via programa Cientista do Nosso Estado, que inclui palestras em escolas públicas: “Alunos e professores são agentes multiplicadores. Por isso sempre repito aos meus alunos que hoje a ciência não cabe mais apenas para cientistas. Temos que traduzir para a comunidade e para as autoridades o conhecimento gerado pelas pesquisas científicas”, defende a professora.



repeto aos meus alunos que hoje a ciência não cabe mais apenas para cientistas. Temos que traduzir para a comunidade e para as autoridades o conhecimento gerado pelas pesquisas científicas”, defende a professora.

Criado em 1995, o laboratório teve a chance de ser um dos

pioneiros em estudos na Ilha Grande, que faz parte do bioma de grande diversidade biológica da Mata Atlântica, no início das atividades do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS). “Focamos em estudos de longa duração para registrar padrões. Hoje temos resultados de 15 anos de amostragens mensais que geraram conhecimento sobre aves em diferentes tipos de ambiente, ao analisar a flutuação dessas populações ao longo do ano. Investimos bastante na Ilha Grande também em formação profissional, com cursos para alunos de graduação e pós-graduação”, explica a professora. Os estudos na Ilha Grande integram o projeto Ecologia de Populações, Diversidade e Conservação de Aves na Mata Atlântica, do CNPq, coordenado por Maria Alice. Outro projeto do Laboratório estuda uma espécie ameaçada globalmente de extinção, o Formigueiro-do-litoral, endêmica de restinga, com distribuição restrita ao longo da restinga de Massambaba, no interior do estado. Segundo a professora havia pouca informação sobre o Formigueiro-do-litoral, cujo desaparecimento gradativo está relacionado à perda de habitat devido à urbanização das áreas de restinga. Em 2010, porém, depois de ações de algumas organizações governamentais e não governamentais, foi concebido um plano de ação nacional para a conservação da espécie, do qual a UERJ também participou.

Por meio da equipe do laboratório, que reúne bolsistas de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e voluntários, a Universidade está presente na implantação do corredor ecológico do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), em parceria com a Embrapa, atuando no monitoramento das aves para promover durante sete anos o reflorestamento, o monitoramento do solo, da água, da fauna e da flora, bem como a educação ambiental na região da Mata Atlântica do estado. Desenvolve também investigação na Antártica com as aves predadoras Skuas, com foco na sua reprodução, ocupação, territorialidade, investimento parental, ecotoxicologia e dieta. Junto com Universidade Estadual do Norte Fluminense, o Laboratório integra outro projeto na Reserva Ecológica União, voltado para o estudo de espécies que são dispersoras de sementes potenciais em áreas de mata nativa e nas plantações de eucalipto da Reserva, usando como referência os estudos sobre regeneração da vegetação nativa desenvolvidos da UENF.

Formigueiro-do-Litoral, espécie criticamente ameaçada de extinção
Fonte: Plano de Ação Nacional para a conservação do Formigueiro-do-Litoral (2010)

Reitora em exercício: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Graça Louzada Reportagem: Ana Carina Santos, Cláudia Nunes, Janaina Soares, Karen Candido, Mariana Pelegrini e Mayana Garcia Estagiária: Layssace Prazeres, Renata de Castro e Thayz Guimarães Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra · Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

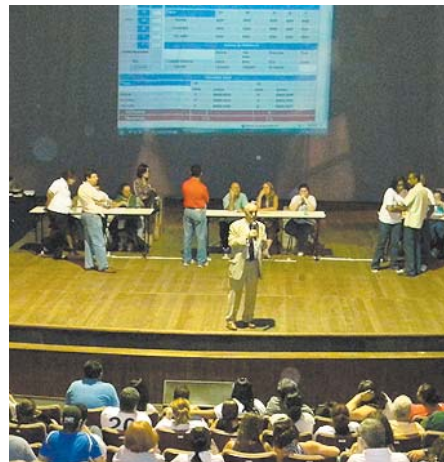
The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



UERJ reelege um reitor pela primeira vez na sua história

Na madrugada de sexta-feira, 28 de outubro de 2011, o professor Ricardo Vieiralves (do Instituto de Psicologia) fez história na UERJ como o primeiro reitor a ser reeleito nos 60 anos de existência da Universidade. Com 69,22% dos votos válidos de docentes, técnico-administrativos e alunos, a chapa 20 (Responsabilidade UERJ), formada pelo professor Ricardo Vieiralves e pelo professor Paulo Roberto Volpato (Ciências Médicas) venceu as eleições para o quadriênio 2012-2015 concorrendo com a chapa 10, composta pelos professores Paulo Pavão (Ciências Médicas) e Pedro Senne (IFCH). Além dos candidatos aos cargos de Reitor e Vice-reitor, puderam concorrer à reeleição diretores de centro setoriais e diretores de unidades acadêmicas e administrativas.

Os professores Vieiralves e Volpato venceram em todas as categorias: docentes, técnico-administrativos e alunos. “A vitória com quase 70% de votos é inquestionável”, disse o Reitor ao final da apuração. “A comunidade da UERJ nos confirmou, ganhamos com a confirmação inequívoca de toda a nossa Instituição. Agora temos muito trabalho pela frente e pretendemos deixar um grande legado para as gerações futuras. Nós, que somos um pouco mais maduros e nos encontramos no decorrer de todos esses anos, somos parte da verdadeira história desta casa, uma história que no passado, muitas vezes com diver-



gências e discussões, não impediu que nos uníssemos para defender a Universidade. Principalmente, nunca nos desrespeitamos pessoalmente: estamos juntos porque mantivemos a cordialidade e a boa convivência, sempre no espírito das relações universitárias. Por isso conseguimos esta unidade na Instituição que vai nos garantir, daqui a quatro anos, ainda melhores resul-



tados”, completou o Reitor reeleito no seu breve pronunciamento.

Para a direção dos Centros Setoriais venceram os professores Mario Sérgio Alves Carneiro no Centro Biomédico; Léo da Rocha Ferreira para a direção do Centro de Ciências Sociais; Glauber Almeida de Lemos (candidato reeleito) na direção do Centro de Educação e Humanidades; e Maria Georgina

Muniz Washington, também reeleita para dirigir o Centro de Tecnologia e Ciências.

Percentuais

As eleições 2011 na UERJ contaram com um colégio eleitoral composto por 25.974 alunos, 4.053 técnico-administrativos e 2.031 docentes. O percentual dos votos válidos (excluindo brancos e nulos) entre o total de alunos foi de 28,15%, com os 7.310 votos correspondentes distribuídos entre as chapas 10 e 20. Entre os docentes e técnico-administrativos o percentual de votos válidos foi maior: os professores somaram 73,41% (1.491 votos) e os técnico-administrativos 60,25% (2.442 votos) do total respectivo de cada categoria. Para o Vice-reitor eleito, professor Paulo Roberto Volpato, a votação foi mais expressiva entre as pessoas que vivem o cotidiano da UERJ há muitos anos. Na distribuição dos votos entre os Centros Setoriais, a Chapa 20 liderou a votação no Centro Biomédico e no Centro de Tecnologia e Ciências. Entre os docentes, o percentual ficou em 84,55% no CBI e 80,11% no CTC. Os votos dos alunos somaram 66,13% no CTC e 63,42% no CBI. Em relação aos técnico-administrativos, 68,80% no CTC e 52,58% no CBI votaram na chapa vencedora. Confira a seguir o currículo resumido dos candidatos à reitoria e aos centros setoriais eleitos para o próximo quadriênio.

Reitor Ricardo Vieiralves

Reitor na gestão 2008-2011, Ricardo Vieiralves é professor adjunto do Instituto de Psicologia, doutor em Comunicação e Cultura e mestre em Psicologia Clínica. Ingressou na UERJ nos anos 70 como aluno do curso de Psicologia e na década de 1980 retornou à Instituição como professor por meio de concurso público. Entre os cargos ocupados na Universidade estão os de Sub-reitor de Extensão e Cultura (1992-1995) e Sub-reitor de Graduação (1996-1998). Em 2002 foi Sub-secretário de Estado de Ciência e Tecnologia e de 2003 a 2007 foi diretor do Museu da República. Participou das comissões nacionais de Extensão e Avaliação Universitária do MEC e em 1988 recebeu o Prêmio Moral, Direito e Modernidade da Ordem dos Advogados do Brasil.

Vice-reitor Paulo Roberto Volpato Dias

Médico formado pela Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, Volpato é professor adjunto da FCM e diretor do Centro Biomédico (2008-2011). Fez residência em cirurgia geral no Hospital Universitário Pedro Ernesto, mestrado em Urologia e especialização e doutorado em Cirurgia Geral. Exerceu as funções de

diretor e vice-diretor da FCM; participou da coordenação do Projeto Pró-saúde, em convênio com a Organização Pan-americana de Saúde e o Ministério da Saúde; e do Projeto Universidade do SUS (Unasus), do qual é membro efetivo.

Centro Biomédico – Mario Sérgio Alves Carneiro

Atual diretor da Faculdade de Odontologia, possui MBA em gerência de Saúde, especialização em radiologia odontológica e mestrado em diagnóstico bucal. É professor do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia da sua faculdade.

Centro de Ciências Sociais – Léo da Rocha Ferreira

Mestre em economia aplicada, PhD em *Food and Resource Economics* pela Universidade da Flórida e pós-doutor pela Universidade de Colúmbia (EUA) e pela Universidade de Paris 13, é professor titular do Departamento de Análise Quantitativa da Faculdade de Ciências Econômicas. Coordena o Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas; foi coordenador de pesquisas do IPEA (1970-1996) e editor da *Revista de Economia e Sociologia Rural* (2003 a 2007).

Centro de Educação e Humanidades – Glauber Almeida de Lemos

Graduado em Ciências Biológicas e mestre em ciências (Biotecnologia), é professor assistente da Faculdade de Formação de Professores e diretor do Centro de Educação e Humanidades (gestão 2008-2011). Foi diretor e vice da FFP e chefe e sub-chefe do Departamento de Ciências daquela unidade. Tem experiência na área de educação, participando de projetos nas áreas de educação ambiental, botânica e microbiologia ambiental.

Centro de Tecnologia e Ciências – Maria Georgina Muniz Washington

Com graduação em Engenharia Civil, especialização em Engenharia Sanitária e Ambiental, mestrado em Engenharia Oceânica e doutorado em Modelagem Computacional, é professora adjunta do departamento de Engenharia Sanitária e do Meio Ambiente da Faculdade de Engenharia e diretora do CTC (gestão 2008-2011). Exerceu as funções de Sub-reitora de Extensão e Cultura (2004-2006) e Sub-reitora de Graduação (1995-1996).

> PELOS CAMPI

Esdi com as janelas abertas para a comunidade

Mostrar aos estudantes e à sociedade um pouco mais sobre o mundo do design, por meio de palestras e visitas gratuitas. Este é o objetivo do programa de extensão Janelas Abertas, desenvolvido pela Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), criado primeiro como um programa de orientação acadêmica destinado ao público interno da Esdi e, posteriormente, estendido ao público externo. Segundo o seu coordenador, professor Freddy Van Camp, o programa tem sido sempre aperfeiçoado nos seus 11 anos de existência. A criação do Janelas Abertas foi inspirada nas ações desenvolvidas em 1992 pelo professor Roberto Eppinghaus, hoje aposentado, ao verificar que poucas informações circulavam sobre a Escola na Universidade e me-

nos ainda entre os candidatos ao vestibular na área de design. Assim lançou o *Informativo*, boletim de notícias sobre a Esdi voltado para o público interno, e também organizou eventos de informação destinados ao público externo, usando carta ou mala direta para divulgação.

No início do programa os professores se deslocavam até os colégios que solicitavam palestras e participavam de semanas profissionais: “O Janelas Abertas foi instituído como programa de extensão quando decidimos que não havia possibilidade de atender a todas essas solicitações simultaneamente e em localidades distantes, com audiências escassas e pouca repercussão. Decidimos que, ao invés de irmos às escolas, deveríamos atrair os eventuais candidatos

à Esdi e atendê-los em melhores condições do que as oferecidas nos colégios”, esclarece Freddy. O Janelas Abertas tem duas edições anuais: no primeiro semestre, são recebidos alunos do ensino médio de colégios da região metropolitana do Rio durante dois dias (com média de 50 participantes/dia). Eles assistem a palestras ilustradas sobre design, a profissão e a Esdi, a cargo dos professores da UERJ, e visitam as instalações da Escola. Os alunos são enviados pelos colégios de uma lista de aproximadamente 250 endereços que a Esdi possui e que são atualizados permanentemente. A outra edição, no segundo semestre, tem um dia extra destinado apenas para os estudantes da Esdi. Neste, ex-alunos da Escola fazem palestras sobre suas atividades e desen-

volvimento profissional. No último encontro, que aconteceu nos dias 28, 29 e 30 de setembro, ex-alunas da Escola debateram o tema ‘Mulheres que fazem produtos’, e relataram casos de suas carreiras e experiências pessoais enfrentadas no mercado de trabalho.

Publicação

SINAL

O boletim eletrônico *Sinal* é outra ação do Janelas Abertas, publicado desde 2002, com circulação semanal no período letivo e quinzenal nas férias. Com mais de 400 edições publicadas e cerca de 5.000 assinantes, tem entre os seus objetivos a divulgação de atividades desenvolvidas pela Escola, notícias e informações relativas ao ensino,

ao design e áreas afins. Um professor coordenador, dois colaboradores e três estagiários produzem o *Sinal*. “Procuramos compor um mix de notas a fim de atingir todos os nossos leitores, privilegiando aqueles ligados à Esdi”, diz Freddy Van Camp. Os interessados em receber o boletim podem se cadastrar no endereço eletrônico <www.esdi.uerj.br/sinal/index.html>, onde estão disponíveis as últimas edições do boletim. Para saber mais sobre o Janelas Abertas basta visitar o endereço <http://www.esdi.uerj.br/extensao/p_janela.shtml> ou enviar mensagem para <sinal@esdi.uerj.br> ou <freddy@esdi.uerj.br>. A Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ está localizada na Lapa, na Rua Evaristo da Veiga nº 95.

Convênio incentiva desenvolvimento da região sul fluminense

A Faculdade de Tecnologia da Universidade e a empresa MAN Latin America, fabricante de caminhões e ônibus, assinaram em setembro um convênio na mesma cerimônia que lançou a pedra fundamental do Centro de Desenvolvimento de Inovação Tecnológica e Incubadora de Empresas George Eastman. O acordo tem como objetivo o estreitamento das relações entre a Universidade e a MAN, ao permitir a troca de tecnologia, a pesquisa e o intercâmbio entre profissionais da indústria, professores e alunos da UERJ. Segundo o diretor da FAT, Alexandre Palmeira, o convênio prevê uma série de ações, entre as quais o desenvolvimento de produtos, a certificação de fornecedores e o treinamento e a capacitação de mão de obra especializada de nível superior. A UERJ vai atuar junto com o corpo técnico da MAN no desenvolvimento e na industrialização de produtos, além de controlar e acompa-



Autoridades no lançamento da pedra fundamental do Centro de Desenvolvimento de Inovação Tecnológica

nhar a linha produtiva, em especial testes de certificação e qualidade de peças e produtos.

O Centro de Desenvolvimento de Inovação Tecnológica (CDIT) surge com o propósito de estimular parcerias com outras indústrias atuando como órgão de fomento de inovação e desenvolvimento

tecnológico. “A UERJ, por meio do CDIT, vai interagir diretamente com as empresas e o setor privado da região. Com isso poderemos ter transferência mútua de tecnologia”, explica Palmeira. O professor acrescenta que o Centro também atuará como intermediário do poder público em ações de inovação, pesquisa e

desenvolvimento, cuja meta é desenvolver produtos comerciais com tecnologia nacional. A previsão é de que o prédio do CDIT seja inaugurado em agosto de 2012. Para Dilza Cristina Martins Tomás, gerente da Incubadora de Empresas, o Centro é um sonho antigo da Faculdade de Tecnologia. “A Incubadora apoia empreendedores no desenvolvimento de projetos e negócios, oferecendo capacitação gerencial e ensinando a buscar recursos. Queremos que os empreendedores que têm empresas se desenvolvam de modo a ganhar mercado com chances de sobrevivência porque, para um empreendimento novo, não incubado, a taxa de mortalidade é de 80%. Pensamos a Incubadora como ferramenta para dar um passo para o Centro Tecnológico porque os dois trabalham juntos”, explica. A Incubadora começou a operar em 2010 e desde então conseguiu capacitar e sensibilizar 680 pessoas por meio de palestras e cursos.

Medição de portais de universidades mostra a UERJ entre as 50 melhores da América Latina

Incentivar a presença das universidades na rede mundial de computadores: este é um dos objetivos do Ranking de Métrica Web (*Webometrics Ranking*), na identificação em inglês, disponível em <www.webometrics.info>. Publicado desde 2004 duas vezes por ano, nos meses de janeiro e julho, a avaliação engloba cerca de 20 mil instituições de ensino superior de todo o mundo. A UERJ atingiu a 43ª colocação no ranking entre as instituições da América Latina. A instituição mais bem avaliada em todo o mundo é o MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, seguido pelas universidades de Harvard e de Stanford, todos nos Estados Unidos. A instituição brasileira melhor colocada no ranking é a Universidade de São Paulo, em 43º lugar na classificação mundial e em 1º lugar na América Latina.

A classificação é produzida a partir de dados coletados em endereços de universidades com domínio independente durante as primeiras semanas de janeiro e julho, publicados no final de cada um desses meses. O *Webometrics Ranking* segue as recomendações dos Princípios de Berlim sobre a Classificação de Instituições de Ensino Superior (*Berlin Principles on Ranking of Higher Education Institutions*), criados em 2006, que valorizam a qualidade e a boa prática nas avaliações dos sites e portais de universidades. O ranking é uma iniciativa do Laboratório Cybermetrics, ligado a grupo de pesquisa do Centro de Ciências Humanas e Sociais, instituição pública de pesquisa vinculada ao Ministério da

Ciência e Tecnologia da Espanha. O Laboratório se dedica a investigações sobre o conteúdo da rede mundial, especialmente no campo do conhecimento científico, constituindo uma nova área identificada como *Cybermetrics* ou *Webometrics*.

O objetivo original do ranking é promover a publicação de conteúdo na web e apoiar iniciativas de acesso livre eletrônico a materiais acadêmicos. Na sua página oficial, a organização explica como os indicadores web são úteis para fins de classificação, pois se baseiam no desempenho global e na visibilidade das universidades e não no total de visitas ou no design da página. Defende também que a classificação baseada na web reflete melhor a instituição como um todo, já que muitas outras atividades desenvolvidas por professores e pesquisadores são divulgadas pela presença individual na web. Além de menos onerosa, a publicação na rede pode alcançar maior número de pessoas e oferece acesso à produção científica à pesquisadores, ins-

tuições e outros públicos localizados em países diferentes.

O ranking *Webometrics* não está focado apenas em resultados de pesquisa: inclui indicadores que podem representar de modo mais equilibrado a qualidade global acadêmica de instituições de pesquisa em todo o mundo. Com esse trabalho, a organização pretende que instituições e estudiosos tenham uma presença na internet que corresponda com precisão às suas atividades. Os indicadores estão baseados na web e correlacionados com referências bibliográficas e científicas tradicionais, de forma a mostrar às comunidades acadêmicas e políticas a importância da publicação na web tanto para a disseminação do conhecimento como para a medição do desempenho e do impacto das atividades científicas. O acesso às informações é feito por meio de sistemas de busca como Google, MSN e Yahoo. Em seguida à coleta automática, as informações são analisadas manualmente e comparadas com edições ante-

riores da avaliação. Os resultados são publicados em revistas científicas e debatidos em conferências internacionais. Caso a posição no ranking não seja condizente com o desempenho acadêmico a solução, segundo os seus organizadores, é aumentar o volume e a qualidade das publicações eletrônicas, com ênfase na produção científica – como artigos, monografias, dissertações, teses etc., e cursos, seminários, bibliotecas digitais e bancos de dados multimídia o que permite que o site ou portal alcance índice de qualidade acadêmica internacional.

No ranking entre países o Brasil aparece na 10ª posição, com 584 universidades avaliadas. O país tem hoje quatro instituições entre as 200 melhores, 12 entre as 500, e 18 universidades entre as mil melhores, de um total de 1.441 instituições avaliadas. À frente do nosso país estão os Estados Unidos (em 1º lugar), seguido por Canadá, Alemanha, Reino Unido, Espanha, Japão, Austrália, Formosa e Suécia.

Índice QS

Assim como o Webometrics, o *QS World University Rankings*, divulgado no início de outubro pela empresa de mesmo nome especializada em educação e estudo no exterior, também realiza uma mediação das universidades. Neste caso, a classificação vai além da presença na web e está baseada em sete critérios com pesos diferenciados: reputação acadêmica (40%), reputação de empregabilidade (10%), estudantes das faculdades (20%), profissionais com doutorado (10%), artigos publicados (10%), citações por artigo (10%) e impacto na internet (10%).

Na avaliação mais recente, a UERJ se classificou em 55º lugar na América Latina, com 47,7 pontos. Essa foi a primeira vez que a instituição foi incluída em um ranking especificamente para o subcontinente. Trinta e uma instituições brasileiras de ensino superior ficaram entre as 100 mais bem avaliadas, o melhor resultado na América Latina. Nesta medição a primeira classificada também foi a USP, com 100 pontos. Entre as 200 melhores, o Brasil ficou em primeiro, com 65 instituições, seguido por: México (35), Argentina (25), Chile (25), Colômbia (21), Peru (seis), Venezuela (cinco), Uruguai (quatro), Costa Rica (três), Cuba (três), Equador (três), Panamá (uma), Paraguai (uma) e Porto Rico (uma). A nova metodologia levou em consideração critérios específicos da região – como proporção de professores com doutorado, produtividade em pesquisa e presença na web. A pesquisa aponta o Brasil como potência econômica futura, ao lado de Rússia, Índia e China. Tal fato deve-se em grande parte ao aumento do número de matrículas em universidades, que passou de dois para seis milhões na última década.

Internacional

Secretária-assistente para direitos civis dos EUA visita o *campus*

Para entender como funcionam as políticas de cotas no ensino superior no Brasil, com interesse na experiência da UERJ como a primeira instituição universitária brasileira a ter esse sistema implantado, Russlynn Ali, Secretária-assistente para direitos civis do Departamento de Educação dos Estados Unidos, visitou o *campus* principal no final de agosto. A diretora do Departamento de Desenvolvimento Acadêmico e Projetos de Inovação da Sub-reitoria de Graduação, professora Hilda Maria Souza, disse estar feliz com o interesse do governo americano – primeiro país a adotar o sistema de ação afirmativa – em conhecer os resultados de dez anos dessa iniciativa na UERJ: “Os Estados Unidos têm um histórico de cotas bem anterior ao nosso e essa troca de experiência é muito importante.” Alunos e ex-alunos cotistas da UERJ também participaram do encontro e puderam relatar as suas experiências pessoais e falar sobre o sistema pelo qual foram selecionados.

Proibido pela Suprema Corte com o respaldo da sociedade civil, o sistema americano de ação afirmativa baseado na questão racial (implantado pelo então presidente Richard Nixon no final da década de 60) atualmente é ilegal. Segundo Russlynn Ali, o interesse do Departamento de Educação dos Estados Unidos em conhecer o sistema brasileiro tem a ver com a necessidade de entrar em contato com outras experiências para incorporá-las à nova política de acesso ao ensino superior que deve ser implantada nos próximos meses no seu país: “No nosso sistema atual de formação universitária não pode haver cotas raciais; devemos ter uma razão muito forte para usá-la. Um dos fatores, portanto, é usar a diversidade racial como justificativa”. A Secretária acrescentou que em alguns estados americanos, como o Texas, a Suprema Corte vai decidir sobre a legalidade de algumas medidas afirmativas: “Hoje existe nas escolas uma ‘ressegregação’, como acontecia na época de Martin Luther King. Estamos pensando em outras maneiras de acabar com isso. A Secretaria de Direitos Humanos pretende desenvolver políticas sobre como interpretar as leis do Supremo e emitir diretrizes para escolas e universidades”, explicou.



Secretária-assistente para direitos civis dos EUA, Russlynn Ali (ao centro) esteve na UERJ para conhecer o sistema pioneiro de cotas

A professora Hilda Souza apresentou o sistema de cotas da UERJ, criado em 2003 e que atualmente reserva 45% das vagas no vestibular para estudantes carentes (com renda mensal per capita de até R\$ 960,00), de acordo com a Lei Estadual 5346/08, estabelecida em dezembro de 2008 pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Do total de vagas, 20% são destinadas a estudantes cuja origem é a rede pública de ensino; 20% para negros; e 5% para pessoas com deficiência, integrantes de minorias étnicas e para filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão do serviço. A representante da Sub-reitoria de Graduação informou que na UERJ o sistema de cotas não está focado apenas na questão da raça: a carência socioeconômica é fator essencial entre aqueles que desejam entrar na universidade por esse sistema. Para a professora Hilda, a distinção entre alunos cotistas e não cotistas na Universidade só existe durante o processo de admissão: “Os resultados acadêmicos de ambos são muito parecidos. A dificuldade dos cotistas é maior nos anos iniciais, mas a UERJ tenta de alguma maneira dar suporte ao percurso universitário desses alunos oferecendo, por exemplo, programas de iniciação acadêmica em disciplinas estruturais como português e matemática. A partir do segundo ou terceiro ano eles seguem sua vida acadêmica normalmente. Também é importante destacar que a evasão dos cotistas é menor se comparada à dos não cotistas”, assinalou.

Os Estados Unidos vivenciaram uma situação oposta a essa no período em que o sistema de cotas raciais era permitido. A taxa de evasão entre os estudantes negros

era alta, fruto da falta de apoio por parte do governo norte-americano, disse Russlynn Ali. Segundo a secretária-assistente, os Estados Unidos nunca implantaram a ação afirmativa de forma correta: “Lá, ao contrário da UERJ, a taxa de evasão era muito grande e não dávamos suporte a esses alunos. Em Nova York, por exemplo, era enorme”. E completou: “o Brasil está lidando melhor com a questão das cotas raciais do que os Estados Unidos. Por isso estamos aqui, para vermos exemplos como o da UERJ”. Indagada sobre a aceitação da política de cotas na Universidade, a professora Hilda esclareceu que no início houve uma reação contrária da sociedade, período em que algumas ações e processos judiciais chegaram a ser movidos contra a UERJ. Com o passar dos anos, porém, as posições desfavoráveis ao sistema foram diminuindo.

No Brasil como nos Estados Unidos, o problema educacional é observado antes mesmo do ingresso em uma universidade – e a sua raiz está no ensino básico. Hilda e Russlynn concordam que uma melhoria da instrução na sua base ainda está longe de ser equacionada; elas acreditam que a forma mais rápida e compensatória encontrada para alterar esse contexto seria a implantação de uma política temporária, como o sistema de cotas, e que a educação básica deve ser o berço para a entrada no ensino superior.

Mesa redonda

No final do encontro, estudantes e ex-alunos cotistas da UERJ conversaram com Russlynn Ali, contaram suas experiências como estudantes da Universidade e seu cotidiano na Instituição. Mineiro de Belo Horizonte, Giovanni Rodrigues Gonçalves está no 9º período de Direito e veio para o Rio

de Janeiro movido pela possibilidade de ingressar em uma universidade. Frequentou pré-vestibular comunitário e quando estava prestes a desanimar por problemas pessoais, soube que existia o sistema de cotas na UERJ. “Vim para cá pelas oportunidades oferecidas e também pelo fato de a UERJ ser a melhor universidade do estado do Rio”, afirmou. Esther Guedes da Silva, estudante do 6º período de Serviço Social, destacou a importância da política de cotas, especialmente a Bolsa Permanência (atualmente em R\$ 300,00 mensais) oferecida ao cotista durante todo o curso universitário por meio do Programa de Iniciação Acadêmica (Proiniciar). O Programa também destina parte do material didático para a realização das atividades, além de aulas de disciplinas instrumentais, oficinas e atividades culturais.

Russlynn Ali explicou para os estudantes que, ao contrário do Brasil, nos Estados Unidos as universidades não são gratuitas, nem mesmo as públicas. Há programas de financiamentos de bolsas, mas o dinheiro não é suficiente. “Terminei meu curso de Direito com mais de US\$ 100 mil de dívida e tive que trabalhar em um escritório para quitá-la.” Outra diferença destacada pela secretária-assistente foi em relação à classificação racial: no Brasil há negros, morenos e pardos (a classificação do IBGE engloba brancos, pretos, pardos, amarelos e indígenas), enquanto nos Estados Unidos não há equivalente de misturas raciais. “O fato de alguém ter um avô negro na família já o torna negro nos EUA. Parece que aqui quanto menos negra a pessoa é, mais branca se torna. Essa, para nós, é a categoria de branco hispânico”, explicou.

O graduando Charles de Souza, que ingressou no curso de Direito por meio de cotas para deficientes físicos, quis saber se nos Estados Unidos existem políticas para estudantes que tenham dificuldades como ele; Russlynn respondeu que a diferenciação por raça é ilegal, mas que para alunos com necessidades especiais, por exemplo, devem ser criados meios que possibilitem o seu acesso aos estudos. A Secretária fez questão de registrar para os alunos presentes que os cotistas não estão recebendo um favor: “Todos estão aqui porque merecem, porque têm qualificação. Vocês vão ajudar a aliviar as desigualdades que levaram à criação do sistema de cotas.”

Ensin

Interiorização da Universidade chega ao município de Paraty

A criação do Casarão de Ciência e Cultura, que vai abrigar a primeira Escola de Restauração de Bens Patrimoniais no Brasil, está entre os convênios mais recentes assinados pela UERJ, desta vez com a prefeitura da cidade de Paraty. Firmado em agosto, a parceria vai ampliar a oferta de cursos e atividades acadêmicas em todo o estado do Rio de Janeiro. Na assinatura do convênio ficou acertado que a nova unidade da Universidade funcionará no imóvel da antiga escola municipal Pequena Calixto, cedido pela prefeitura, e que as obras necessárias de infraestrutura ficarão sob responsabilidade da UERJ, bem como todos os custos relacionados a recursos humanos.

A instalação dessa primeira escola nacional de restauração de bens patrimoniais é decorrente de acordos pré-existentes entre a Universidade e instituições e grupos italianos reconhecidos na área de restauração, como a Universidade La Sapienza de Roma, a Academia de Belas Artes de Nápoles e artistas e profissionais da cidade de Capri. A Escola em Paraty terá contribuição técnica dos professores da La Sapienza, instrutores que irão aplicar os métodos científicos de restauração. Uma amostra do interesse por essa área de formação foi observada no seminário “Brasil-Itália - reflexões e estudos para uma preservação integrada de bens culturais”, realizado na UERJ no início de 2011: o curso ministrado pelo professor e físico Giovanni Ettore Gigante, um dos principais responsáveis pela restauração do teto da Capela Sistina, reuniu cerca de 400 pessoas.

Os eventos e atividades culturais ficarão a cargo dos profissionais de Capri, que esteve representada na assinatura do convênio pelo curador Maurício Cinescau. Na ocasião, o prefeito José Carlos Porto Neto anunciou também o acordo de geminação entre Paraty e Capri. O Reitor Ricardo Vieiralves explicou que a cooperação entre as duas cidades vai favorecer ainda mais o intercâmbio: “Nós trouxemos Capri para se associar com Paraty. Este tipo de acordo vai montar um circuito cultural possibilitando a realização de exposições italianas no Brasil e levando nossas exposições e nossos artistas para a Itália”. A Academia de Belas Artes



Representantes da UERJ e de instituições italianas em Paraty



Reitor Ricardo Vieiralves e prefeito José Carlos Porto Neto assinam termo de cooperação

SETORES A PARTICIPAR DA CAPACITAÇÃO DO CASARÃO DE CIÊNCIA E CULTURA

- Rede UERJ de Meio Ambiente, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes Curso de Turismo do *campus* regional de Teresópolis
- Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA)
- Laboratório de Telessaúde da UERJ
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad)
- Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ) / Intercap
- Núcleo Intersetorial de Pesquisa e Extensão Educação e Saúde na Escola Pública (Niase/UERJ)
- Projeto de Pesquisa Juventude e Consumo (PPEJUC/UERJ)

Fonte: Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento / UERJ

de Nápoles foi escolhida por sua tradição secular e especialização na questão do patrimônio artístico e cultural do mundo.

A equipe de professores da Escola de Restauração de Bens Patrimoniais será formada por professores da UERJ e das instituições italianas participantes. Além desse projeto, a proposta da Universidade é oferecer ao município de Paraty outros benefícios, entre os quais ações extensionistas e culturais hoje desenvolvidas em

todos os *campi*. Para Porto Neto, a construção do Casarão de Ciência e Cultura é a materialização de um projeto de vários anos, sonho da população de Paraty: “É um momento histórico. Vamos poder proporcionar principalmente para a nossa juventude uma perspectiva de futuro, ao capacitar e dar oportunidade ao cidadão de chegar ao curso superior e possibilitar que novos profissionais venham morar e trabalhar em sua terra. Isso é im-

portante para o desenvolvimento da cidade”, disse o prefeito. O Reitor manifestou a intenção de criar um curso de graduação adequado à cidade e à região da Costa Verde: “Uma instituição universitária promove desenvolvimento e atrai empresas porque todas querem se instalar em locais com recursos humanos bem formados.”

Também com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento do ensino em Paraty, o representante no evento do governo do estado do Rio de Janeiro, subsecretário Luiz Edmundo, anunciou que a administração estadual pretende viabilizar a instalação da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (Faetec) para capacitar e profissionalizar a população em nível técnico. Ele disse que é uma forma de contribuir na formação de recursos humanos para a Escola de Restauração: “Estamos junto com a UERJ, vinculada à Secretaria de Ciência e Tecnologia, para tomarmos qualquer providência política em relação a recursos no apoio à criação do Casarão. Isso será feito por meio da Faperj, a instituição do estado que possui melhor condição para financiar projetos como esse”.

A instalação da UERJ em Paraty tem como intenção, ainda, contribuir para que a cidade se transforme em Patrimônio da Humanidade. De acordo com o Reitor, “Paraty pleiteia há décadas o título de patrimônio histórico e cultural da humanidade e não consegue. Quem conhece a cidade e sua importância histórica para o estado do Rio de Janeiro – desde a velha estrada real até o centro da cidade com o seu casario histórico – sabe da sua importância. Se conseguirmos ajudar Paraty a ganhar esse *status* já será um bem grandioso. Esta é a nossa missão”.

A Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento (CEED) é o setor responsável da UERJ pela coordenação do projeto. Segundo a diretora Tatiane Baptista, a previsão é que o Casarão comece suas atividades no segundo semestre de 2012 com a missão de “reconhecer, sistematizar e disseminar o conhecimento por meio de atividades científica, artística e cultural formando profissionais capacitados e disponibilizando à comunidade um potencial expressivo de sensibilização e transformação”.

> ESPECIAL

Brasil vai instalar módulo autônomo pioneiro na Antártica

Professor da UERJ coordena a pesquisa, que contribuirá para o estudo de mudanças climáticas e aquecimento global

Uma das grandes preocupações mundiais, a camada de ozônio é o eixo temático central de pesquisa da área de desenvolvimento sustentável na qual a UERJ tem participação expressiva. Cientistas estudam as variações da camada há décadas, na tentativa de compreender as causas de sua destruição e recuperação. Em 1982, pesquisadores da British Antarctic Survey verificaram, pela primeira vez, a redução de 20% da camada de ozônio sobre a Antártica. Outras medições foram realizadas nos anos seguintes e, em 1988, 50% do ozônio estratosférico do continente gelado havia desaparecido. Investigações constataram que os produtos feitos com clorofluorocarbonetos (CFCs) – antes usados como aerossóis e gases para

refrigeração – eram os principais agentes da grande falha na camada de ozônio, que seguia aumentando consideravelmente. Depois da assinatura do Protocolo de Montreal (1987), que propôs a redução do uso de CFCs, o buraco está se reduzindo gradualmente, com a perspectiva de que em 2080 a camada de ozônio na Antártica volte aos níveis da década de 1950.

Enquanto isso um grupo de pesquisadores desenvolve outra hipótese: de que a recuperação da camada de ozônio na Antártica pode aquecer ainda mais a região e influenciar todo o clima do planeta. Em meio a esse paradoxo uma questão é certa: estudos já comprovaram que o buraco de ozônio não é um fenômeno isolado, exclusivo do continente gelado: “Hoje temos outro conceito. Ao contrário do que se imaginava, o buraco de ozônio tem implicação no clima de outros locais. A mudança dos padrões do vento causada por esse fenômeno acaba tendo um gran-

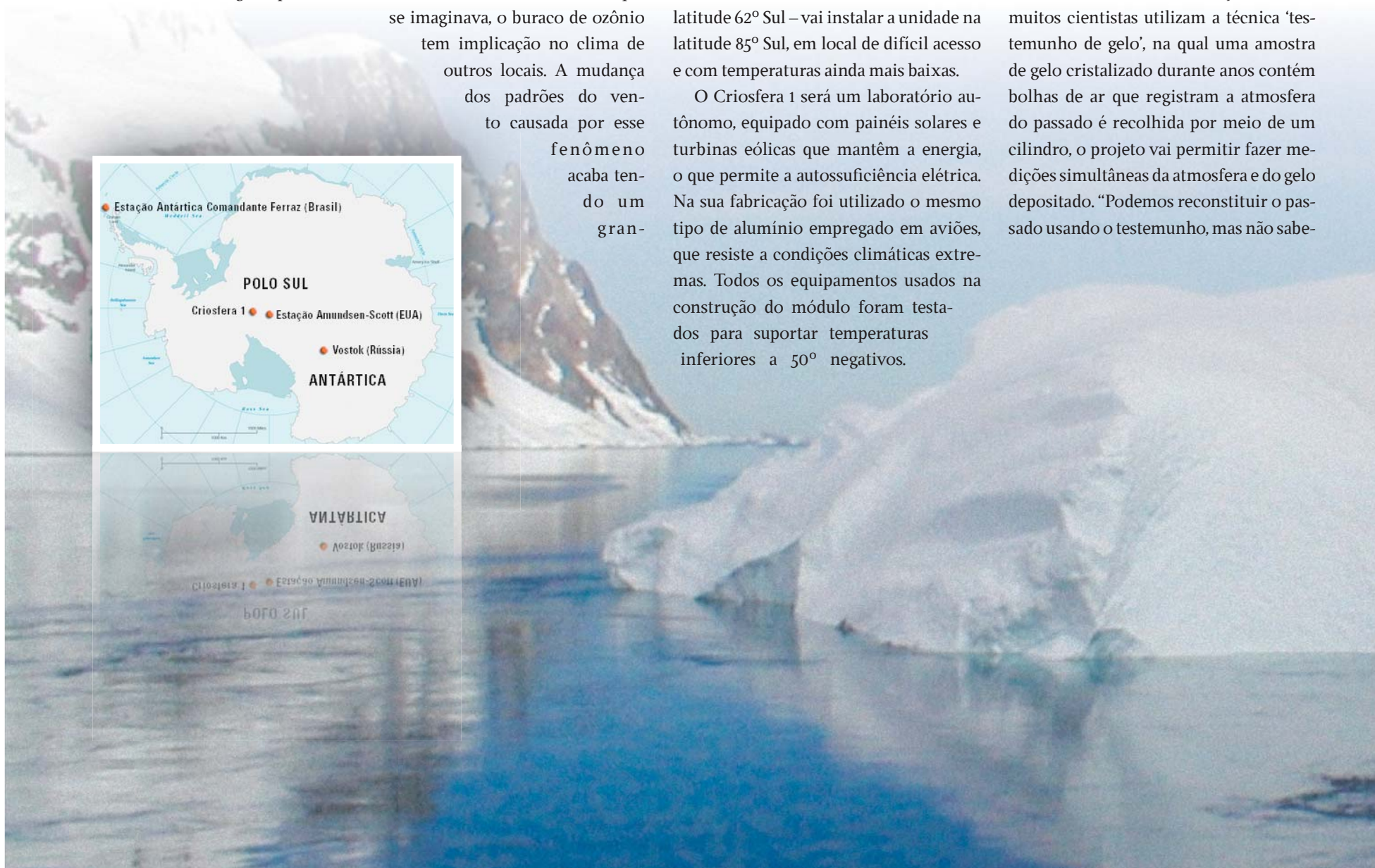
de reflexo nos trópicos”, informa o professor da UERJ Heitor Evangelista da Silva, responsável pela criação do módulo brasileiro que estudará os efeitos climáticos do buraco de ozônio na Antártica.

A pesquisa é inovadora para o Programa Antártico Brasileiro – Proantar (que existe há mais de 20 anos) porque vai instalar o primeiro módulo independente e autossustentável no continente antártico, com a presença humana sendo necessária somente para manutenção dos equipamentos. O Criosfera 1, como é chamado o contêiner, será o módulo mais avançado do ponto de vista geográfico segundo o professor Heitor Evangelista. A equipe da pesquisa – que participa do Proantar desde 1986 trabalhando na estação brasileira Comandante Ferraz, localizada na latitude 62° Sul – vai instalar a unidade na latitude 85° Sul, em local de difícil acesso e com temperaturas ainda mais baixas.

O Criosfera 1 será um laboratório autônomo, equipado com painéis solares e turbinas eólicas que mantêm a energia, o que permite a autossuficiência elétrica. Na sua fabricação foi utilizado o mesmo tipo de alumínio empregado em aviões, que resiste a condições climáticas extremas. Todos os equipamentos usados na construção do módulo foram testados para suportar temperaturas inferiores a 50° negativos.

Os dados obtidos pelo contêiner serão enviados via satélite e o coordenador da pesquisa explica que isso permitirá identificar todo o funcionamento do módulo: “Poderei abrir o meu computador e ver se tudo está funcionando corretamente, se uma turbina quebrou, se o painel parou de funcionar, se alguma bateria descarregou. Porque todos os dados de voltagem serão transmitidos por satélite”, explica. O próximo passo será a instalação de uma câmera de vídeo para também enviar imagem via satélite e assim auxiliar na monitoração do equipamento.

Além dos vários equipamentos que farão medições atmosféricas e de gases do efeito estufa, avaliando quais os efeitos climáticos do buraco de ozônio, o Criosfera 1 terá duas outras funções. Como muitos cientistas utilizam a técnica ‘testemunho de gelo’, na qual uma amostra de gelo cristalizado durante anos contém bolhas de ar que registram a atmosfera do passado é recolhida por meio de um cilindro, o projeto vai permitir fazer medições simultâneas da atmosfera e do gelo depositado. “Podemos reconstituir o passado usando o testemunho, mas não sabe-



mos exatamente que fração da atmosfera ele é capaz de enxergar. Precisamos então fazer medidas simultâneas da atmosfera e do gelo que é depositado, denominado calibração do testemunho de gelo. Naquele ‘cilindro’ existe uma história climática presente e, para a entendermos, é preciso identificar a relação da atmosfera com o testemunho”, esclarece o professor Heitor Evangelista.

A outra função do Criosfera 1 será funcionar como uma plataforma de pesquisa para projetos futuros. O professor explica que no gelo da Antártica existe uma série de micro-organismos com características distintas porque vivem em condições extremas. Os extremófilos, como são chamados, produzem enzimas capazes de mantê-los vivos em baixas ou altas temperaturas, preservando seu tecido biológico. “Esses extremófilos podem nos dar informações sobre processos biotecnológicos. O sequenciamento de DNA, por exemplo, só foi possível devido a uma enzima denominada *Taq polimerase* obtida de uma bactéria encontrada em vulcões. Muitas ferramentas tecnológicas modernas necessitam de conhecimento que alguns organismos já aprenderam durante a evolução da terra. As bactérias da Antártica são muito especiais nesse sentido. Outros grupos além de nós, principalmente aqueles ligados à área de biotecnologia, vão poder utilizar nossa base



HEITOR EVANGELISTA

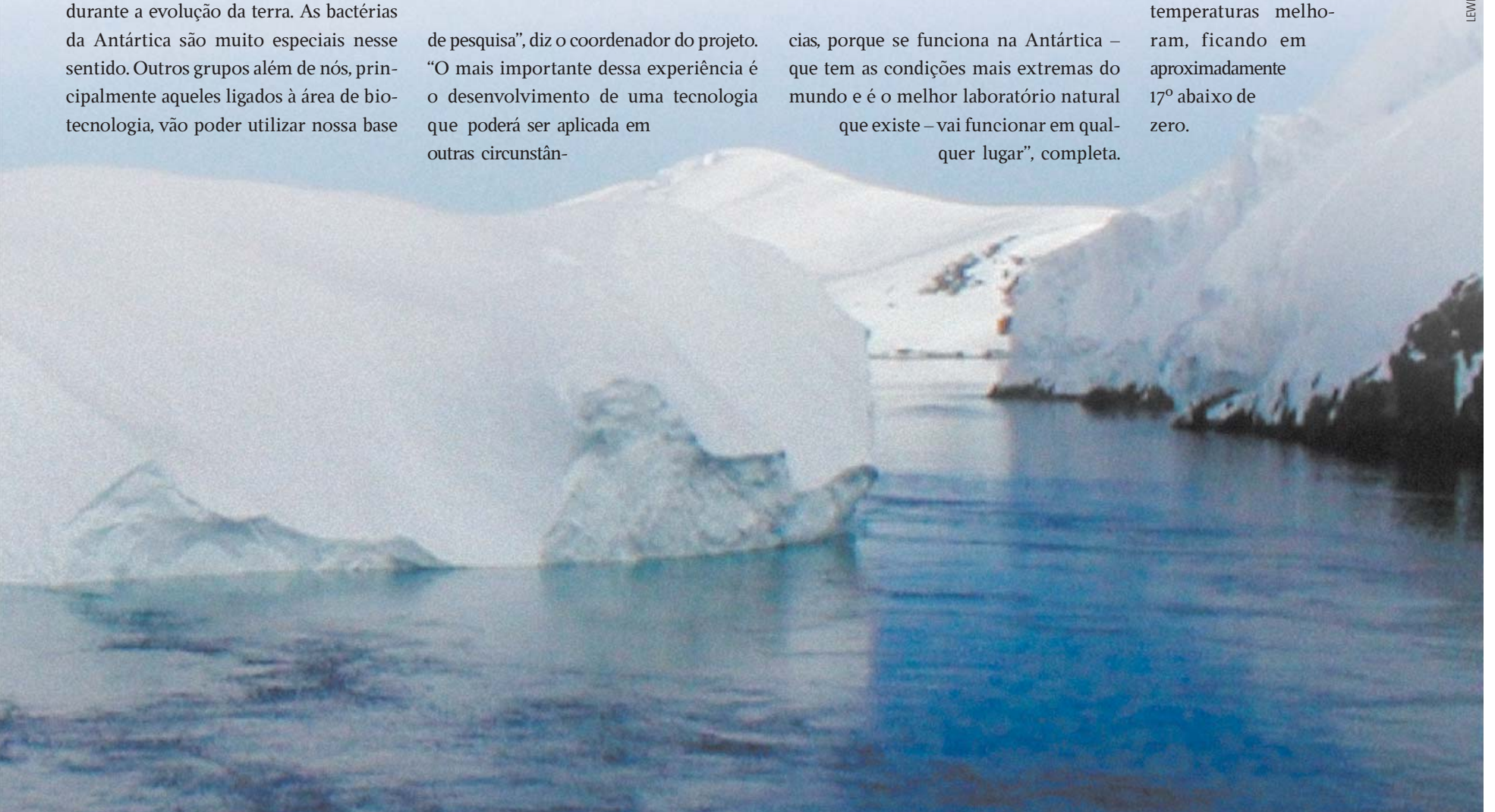
de pesquisa”, diz o coordenador do projeto. “O mais importante dessa experiência é o desenvolvimento de uma tecnologia que poderá ser aplicada em outras circunstân-

cias, porque se funciona na Antártica – que tem as condições mais extremas do mundo e é o melhor laboratório natural que existe – vai funcionar em qualquer lugar”, completa.

Além de desempenhar essas funções importantes o Criosfera 1 vai servir como ponto de estudo para astrofísicos, devido à qualidade do local para observação do céu: o centro da Antártica tem as condições perfeitas para fazer observação do céu e estudar astrofísica.

Toda a missão tem custo estimado em R\$ 2 milhões e possui financiamento do CNPq e do Ministério de Ciência e Tecnologia. A UERJ conta com a colaboração de pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, que está dando suporte para a construção do módulo principalmente nas partes de mecânica e eletrônica, e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Da equipe do projeto participam ainda dez bolsistas da Universidade. O módulo, que será instalado em dezembro de 2011, sairá do Brasil para a cidade de Punta Arenas, no extremo sul do Chile. De lá, será transportado até a latitude 80° Sul por um avião cargueiro russo. Um trator o colocará em um trenó especial que o levará até o seu destino. A equipe do projeto pretende fazer a manutenção do equipamento apenas no verão, quando as temperaturas melhoram, ficando em aproximadamente 17° abaixo de zero.

LEWIS YEAGER



Primeiro volume da coleção Brasileira da Biblioteca Joanina é lançado na UERJ

Uma cerimônia de lançamento em agosto no *campus* da Universidade marcou a entrada em circulação do livro *Bartolomeu Lourenço de Gusmão – o padre inventor*, primeiro volume da coleção Brasileira da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra. A edição do livro surgiu durante visita do Reitor a Portugal: “Fomos convidados pela Universidade de Coimbra para ministrar uma conferência e conhecer a Biblioteca Joanina, local com instalações fabulosas que é um dos ícones para visita estrangeira. Depois de uma reunião de trabalho do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras fomos apresentados ao acervo referente a estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra que se destacaram nacional e internacionalmente, guardado na bela biblioteca. Ali ficou resolvido criar a coleção Brasileira da Biblioteca Joanina”, relata o Reitor no texto de apresentação.

Diante das inúmeras possibilidades de escolha de personagens para o primeiro volume da série, optou-se por Bartolomeu de Gusmão, também conhecido como “padre voador”, para que os seus feitos fossem apresentados a bra-

sileiros e portugueses, juntamente com manuscritos sobre o padre que permitem conhecer o pensamento científico e natural, a perseguição religiosa e política e o relacionamento entre Brasil e Portugal no século XVIII. Nascido em 1685 na cidade paulista de Santos, o padre foi responsável por criar, no início do século XVIII, a primeira máquina voadora, objeto hoje conhecido como balão e que na época foi apelidado de “passarola” por ter o formato de um pássaro.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão – O padre inventor traz curiosidades como o primeiro pedido de direito de propriedade intelectual que se tem conhecimento no Brasil, reproduzido em facsímile com a petição de Bartolomeu ao Rei. Apresenta também uma literatura satírica, típica da época, com críticas ao padre. “Bartolomeu foi preso pela Inquisição e pagou um preço alto por ser ousado”, disse o Reitor. Ele anunciou que será editada uma versão mais simples desse volume para distribuição maciça, inclusive em escolas. Resultado de parceria entre a UERJ e a instituição portuguesa, o projeto tem patrocínio da Odebrecht Infraestrutura e produção do Andrea Jakobsson Estúdio.

Autores

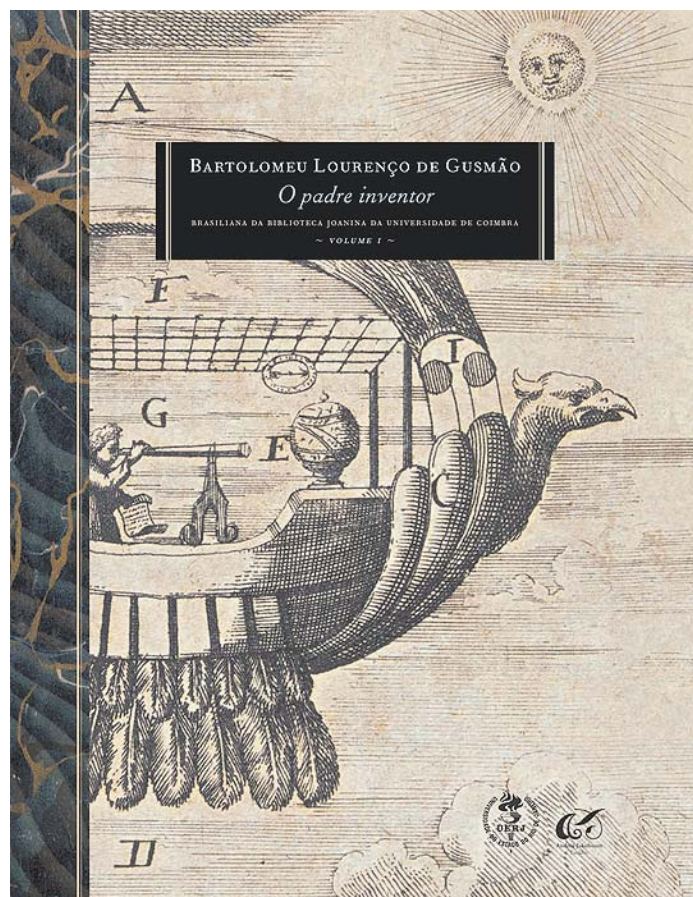
A obra de estreia da coleção Brasileira tem entre os seus vários capítulos, um assinado pelo diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o físico Carlos Fiolhais, que apresenta a Biblioteca Joanina. Ele explica que a biblioteca recebeu esse nome por ter sido construída por D. João V, contemporâneo de Bartolomeu de Gusmão e incentivador do padre no projeto de voar. Presente ao lançamento do livro no Rio, Carlos Fiolhais destacou a importância da obra e da parceria entre as duas instituições: “A Universidade de Coimbra está empenhada nesse projeto comum. Vocês têm a nossa contribuição para continuarmos. A única condição é que façamos juntos.” Manuscritos raros estão disponíveis para consulta na página da biblioteca, em <www.uc.pt/bguc>.

Os professores do Instituto de Física da UERJ Francisco Caruso e Adílio Jorge Marques assinam o capítulo que aborda a ciência do século XVIII e demonstram como Gusmão transitou pelos conceitos naturais e científicos da época e foi pioneiro da Física Aplicada nas Américas. Na cerimônia de lançamento, Caruso revelou que sabia pouco sobre Bartolomeu de Gusmão quan-

do recebeu o convite para participar do livro: “Esse padre voador nos ensina que é possível conciliar os sonhos e as teorias com as aplicações práticas. Ele foi um ícone da Física Aplicada no Brasil e para a cultura luso-brasileira”, destacou. O professor Marques aproveitou para propor uma reflexão: “Será que Portugal e, consequentemente, o Brasil estavam realmente à margem do pensamento tecnológico e científico da época?”. Ele citou a visita de brasileiros a Coimbra que, ao retornarem, traziam as ideias revolucionárias da Europa dos séculos XVIII e XIX. Sobre Gusmão acrescentou: “Talvez ele, além de ter sido um cientista pioneiro na América, seja um tipo de Arquimedes luso-brasileiro com a sua intenção de trabalhar com as técnicas e não ficar apenas no plano da racionalidade, o que de certa maneira é um pensamento revolucionário também”.

A professora de História da UERJ e especialista em história das ciências, Lorelai Kury, que no livro aborda os mitos construídos em torno do padre, explicou que para escrever o seu capítulo foi preciso entender de que forma a memória de Bartolomeu de Gusmão foi construída ao longo dos séculos e como os autores agregaram informações sobre ele ten-





tando provar que teria sido o primeiro a fazer um balão voar. Célia da Silva Tavares, professora da Faculdade de Formação de Professores, abordou a ação da Inquisição portuguesa no século XVIII e sua relação com Bartolomeu de Gusmão. Integrante do Núcleo de Estudos Inquisitoriais, do departamento de Ciências Humanas da FFP, Célia disse que partiu da premissa de que o padre foi perseguido pela Inquisição, já que era um homem da ciência. Mas para sua surpresa não havia processo algum contra Gusmão. Depois de uma série de levantamentos, ela descobriu que entre o padre e a Inquisição a questão não era ele ser um homem da ciência: com medo da Inquisição, Gusmão fugiu de Portugal pela Espanha acompanhado por seu irmão mais novo e morreu nessa fuga. O irmão, também com medo, “confessou” aos inquisidores na Espanha que eles haviam lido textos em hebraico e que Bartolomeu se dizia “messias”, entre outras coisas. “A proposta do texto é mostrar que houve um problema entre

a Inquisição e Bartolomeu de Gusmão, mas não pelo fato de ele ser um cientista. O debate entre eles se fez no elemento da religião, da questão mais distante do que imaginamos ser o homem de ciência”, explicou a pesquisadora.

Próximos títulos

O segundo volume da coleção Brasileira está em fase de discussão: “Faz parte de um conjunto de textos promovidos pelo Reitor da Universidade de Coimbra que foi o único brasileiro a exercer essa função, nomeado pelo Marquês de Pombal, e que visava a fazer a reforma pombalina na universidade”, adiantou o Reitor Ricardo Vieiralves, referindo-se a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, cujo mandato durou de 1770 a 1779. O reitor, padre carioca, convidou vários intelectuais do mundo português para opinar sobre como deveria ser uma instituição de elite. Os demais volumes da coleção, ainda a serem definidos, também terão personagens brasileiros como foco temático.

EdUERJ

Lançamentos da Editora

EXERCÍCIOS DE CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL I COM MAXIMA

Alexandre Rojas, A. C. de Castro Barbosa e Cláudio Carvalhaes

A obra apresenta proposta para o ensino do cálculo diferencial e integral com o apoio do software Maxima, instrumento que oferece aos professores recursos a serem adotados em sua

estratégia de ensino e pode ser usado para tornar mais lúdica a atividade de aprender. Pretende estimular o aluno a desenvolver curiosidades e entendimentos, sem a perda das características de

abstração que precisam estar subjacentes à aprendizagem da linguagem matemática.



RIO BABEL – A HISTÓRIA DAS LÍNGUAS NA AMAZÔNIA

José Ribamar Bessa Freire

O livro traça um panorama linguístico da Amazônia não indígena, desconstruindo equívocos e preconceitos. Ao pesquisar os percursos da língua da região entre os séculos

XVII e XX, o professor pontua interfaces da língua portuguesa com as línguas dos tupinambás e de outros povos do lugar. Apresenta o *nheengatu* como a língua geral da região – sobre-

tudo entre os membros da etnia baré –, que coexistia com o baniwa, o tukáno e o próprio português.



70 ANOS DE RADIOJORNALISMO NO BRASIL: 1941-2011

Sonia Virginia Moreira (org.)

Em parte resultado de duas décadas de pesquisas sobre rádio desenvolvidas na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o volume reúne artigos de pesquisadores de diversos estados que

se propuseram a homenagear este que é o meio de comunicação de massa mais popular do país. Desde o pioneirismo do informativo Repórter Esso às rádios comunitárias e digitais, os textos abordam aspectos distintos do radiojornalis-

mo, distribuídos em quatro temas principais: referencial histórico; notícia, reportagem e repórter; linguagem e público; e análises regionais.



INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Rosana Glat e Marcia Denise Pletsch

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular tem sido tema de discussão no âmbito educacional brasileiro nos últimos dez anos. A partir dessa perspectiva, o livro reúne es-

tudos sobre processos socioeducacionais no contexto da implementação das políticas de inclusão escolar em diferentes sistemas educacionais do estado do Rio de Janeiro. Sua natureza científica representa um

diferencial importante para os pesquisadores da área, ao apresentar o suporte empírico de estudos produzidos por grupos de pesquisa nacionais.



FUTEBOL, JORNALISMO E CIÊNCIAS SOCIAIS: INTERAÇÕES

Antonio Jorge Soares, Hugo Lovisoló e Ronaldo Helal (org.)

O objetivo do livro é entender o fenômeno esportivo como expressão da cultura, considerando o futebol em suas várias dimensões e apresentando-o como objeto epistêmico que gera questões

significativas para as ciências sociais, principalmente quando se utiliza material jornalístico como objeto de análise. Os artigos indicam a força e a amplitude desse campo e comprova sua vitalida-

de, essencial para a compreensão de alguns fenômenos culturais atuais, ressaltando o lugar do futebol na complexidade dos processos sociais.



EMANCIPAÇÃO E DIFERENÇA

Ernesto Laclau

Os artigos deste volume são fruto do trabalho de pesquisadores que se apropriaram do pensamento de Laclau como base para as suas investigações. Ao conferir maior visibilidade à obra do au-

tor no Brasil, os textos pretendem ampliar o debate sobre a teoria do discurso e favorecer interpretações teóricas produtivas tanto nas ciências humanas e sociais como na ação política. Ao elaborar sua

teoria, Laclau faz pensar em como desenvolver ações transformadoras mais sintonizadas com a diferença, a democracia e a pluralidade de projetos.



Três alunos de graduação ganham bolsas de intercâmbio

Dentre 97 inscritos, os alunos de graduação Renato Menezes Ramos (História da Arte), Laís Monteiro Pontes da Silva (Direito) e Flávio Henrique Schuindt da Silva (Engenharia Elétrica) foram selecionados para o programa de intercâmbio Fórmula Santander em 2012. Os estudantes receberão bolsa de 5.000 euros para cursar um semestre em universidades de Coimbra e Lisboa, em Portugal. A UERJ vai apoiar os alunos selecionados com passagens aéreas e seguro saúde. Uma banca formada por representantes de todos os centros acadêmicos e por representante do Departamento de Cooperação Internacional fez a seleção com base na análise dos documentos apresentados pelos estudantes. Os critérios de escolha priorizaram históricos escolares com maiores coeficiente de rendimento e sem reprovação; atividades acadêmicas desenvolvidas pelos alunos; comprovação de baixa renda, exigida pelo Fórmula Santander. Os três contemplados são estudantes vindos da rede pública de ensino.

Renato Menezes Ramos tem 21 anos, estudou no Colégio Pedro II e é aluno cotista do 6º período de História da Arte, além de bolsista de Iniciação Científica no projeto *A recepção da tradição clássica*, orientado pela professora Maria Berbara. Ele diz que a sua perspectiva muda radicalmente com essa oportunidade: “Vou poder estudar na Europa, estarei mais próximo das obras de arte no berço da cultura clássica, vivenciar na prática tudo o que tenho estudado nesses três anos de curso”. Ele passará seis meses na Universidade de Coimbra.

Flávio Henrique Schuindt da Silva tem 21 anos e cursa o 7º período de Engenharia Elétrica. Para ele, a bolsa foi conseguida por mérito, porque estudou muito desde que entrou para a Universidade. Flávio disse que se dedicou a manter um CR alto, pois sabia que este era um dos critérios na seleção: “Eu sempre quis participar de um intercâmbio, estava constantemente no DCI fazendo perguntas. Tentei no ano passado e não consegui, mas agora eu vou”, comemora.

Laís Pontes da Silva, 20 anos, é estudante do 5º período de Direito e também alimentava o sonho de estudar fora do país: “Quero seguir carreira em diplomacia e trabalhar com direito internacional. Espero aproveitar essa oportunidade para estudar a legislação da União Europeia e direito comunitário e internacional. Minha aspiração é trazer essa experiência para o Mercosul”, planeja. Para se preparar Laís manteve contato pela internet com estudantes que participaram de intercâmbios em vários países: “Tinha que saber quanto custava, como era viver e estudar fora. Como estudei em escola pública sei dos seus problemas e dificuldades. O que eu não esperava quando entrei em uma universidade pública era que a UERJ fosse incentivar e apoiar tanto, nos dando meios para conseguir viajar sempre com orientações. Isso deu segurança”, conta. Os alunos premiados pelo Fórmula Santander receberão oficialmente as bolsas no dia 21 de novembro, no Autódromo de Interlagos, em São Paulo, quando poderão assistir ao treino do Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1.

Estudantes recebem prêmios

As sub-reitorias de Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa e Extensão e Cultura realizaram no dia 19 de outubro na Capela Ecumênica a cerimônia conjunta de premiação dos melhores trabalhos apresentados durante a 22ª UERJ Sem Muros, que aconteceu entre 19 e 23 de setembro. As apresentações – realizadas na 11ª Semana de Graduação, na 20ª Semana de Iniciação Científica, na 15ª Mostra de Extensão, no 8º Espaço Ciência e na 22ª Feira de Prestação de Serviços – concorreram em três categorias: prêmios de Graduação Fernando Sgarbi Lima; de Iniciação à Ciência Professor Celso Pereira de Sá; e de Extensão Professora Maria Theresinha do Prado Valladares. Os estudantes ganharam *tablets* e vale-livros, de acordo com a classificação e a categoria do prêmio recebido.

Uma das vencedoras na área de graduação foi Telma Temóteo dos Santos, aluna do curso de Ciências Biológicas do consórcio do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cederj), polo Faculdade de Tecnologia. Ela foi premiada pelo trabalho *Elaboração de manuais de prática para as disciplinas*

de microbiologia industrial e processos bioquímicos, com a supervisão de Denise Celeste Godoy de Andrade Rodrigues. A estudante disse se sentir privilegiada, por ser aluna de graduação a distância e poder participar de um projeto de iniciação científica: “Receber o prêmio fecha com chave de ouro o ciclo do projeto para mim, com a sensação de missão cumprida”, disse em entrevista. Onze estudantes foram contemplados com *tablets* e 12 receberam menção honrosa pela qualidade do trabalho apresentado.

Na área de iniciação científica, foram premiados os melhores trabalhos de pesquisa desenvolvidos na graduação e no ensino médio (alunos do CAP/UERJ) apresentados na 20ª Semana de Iniciação Científica. Receberam prêmios como *tablets* e vale-livros 21 alunos da Universidade e três do CAP, enquanto 43 estudantes ganharam menção honrosa. Evellyn Juliane da Rocha Brandão, aluna de Letras da Faculdade de Formação dos Professores (FFP), conquistou o 1º lugar na área de Linguística, Letras e Artes com o texto *Narrativas de professores*

em formação: construção de identidades e entendimentos através do discurso, sob supervisão de Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra. Segundo Evellyn, participar do projeto foi fundamental para sua formação como aluna e pesquisadora: “O prêmio reafirma a relevância da pesquisa no meio em que ela se insere e o mais importante é que contempla todo o ano de trabalho e dedicação”.

O Prêmio de Extensão se destinou aos bolsistas que participaram da 15ª Mostra de Extensão, do 8º Espaço Ciência e da 22ª Feira de Prestação de Serviço. Cinco alunos foram premiados e dez receberam menção honrosa. A aluna do Instituto de Educação Física e Desportos Flora Beatriz Costa Neves foi premiada com o trabalho *Idosos em movimento: mantendo a autonomia*, sob coordenação de Nádia Souza Lima da Silva. Para ela, a participação no UERJ Sem Muros é sempre muito importante porque melhora a própria formação e serve como estímulo para outros alunos: “Foi a primeira vez em que um trabalho da Educação Física recebeu o prêmio” comentou.



Alguns dos alunos premiados, da esquerda para a direita: Mayra Rocha, Larissa Belfort, Evellyn Juliane Brandão, Renata Issa, Flora Beatriz Neves, Diego Baião, Telma dos Santos, Erick Silva e Noemi Cruz

Parceria com a Assembleia Legislativa busca simplificar a legislação estadual

Declarar um município capital de algum ritmo musical; incluir uma festa no calendário turístico de qualquer cidade; mudar o nome de uma rodovia; incluir o nome de um cidadão no livro dos heróis do estado; instituir o dia da agricultura familiar. Esses são exemplos de algumas leis aprovadas pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) nos últimos meses que poderão ser alteradas ou abolidas em pouco tempo. Uma cerimônia formalizando a parceria para a simplificação da legislação fluminense foi realizada no dia 4 de outubro na Alerj. Estiveram presentes o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Paulo Melo, a Reitora em exercício Christina Maioli e a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques. O objetivo desse trabalho conjunto é consolidar a legislação do estado. O primeiro encontro ocorreu na UERJ e contou com a participação do Reitor Ricardo Vieiralves, do deputado estadual Pedro Fernandes e de diretores de centros setoriais e unidades acadêmicas.

O presidente da Alerj destacou que o parlamento é responsável por leis boas e ruins: “O deputado Pedro Fernandes criou uma comissão de consolidação das leis. Começou por datas comemorativas, passou por projetos e resoluções da Casa e agora, de maneira ousada, tenta fazer o processo de consolidação do sistema legal do nosso estado. É quase impossível que a Alerj com seus mecanismos próprios faça isso, mas ele teve a ideia de procurar uma instituição renomada como a UERJ, que já presta



Da esquerda para direita: a Sub-reitora de Extensão e Cultura Regina Henriques, a Reitora em exercício Christina Maioli e o deputado estadual Pedro Fernandes presidindo a sessão

um grande serviço ao sistema educacional e também de organização do Estado”, justificou. Fernandes disse que no seu primeiro mandato acreditava que um deputado que produz bastante é aquele que cria muitas leis – e estabeleceu para ele mesmo uma meta de 30 leis por ano. Essa visão mudou ao ser indagado por um eleitor se ele não achava que já existiam muitas leis: “Uma pessoa me perguntou se eu não achava que os parlamentares deveriam se preocupar mais em fazer a legislação ser cumprida em vez de criar novas leis. A partir daí passei a pensar como poderia contribuir para isso como deputado”, contou.

Segundo o parlamentar, até 5 de setembro deste ano havia 5.692 leis em vigor no estado do Rio, com a média de 700 no-

vas leis propostas por ano na Alerj: “É impossível as pessoas terem conhecimento da nossa legislação hoje.” O trabalho foi iniciado em 2009 e como resultado dessa primeira fase 2.134 leis (sobre assuntos variados como água, hino, datas comemorativas e utilidade pública) foram reduzidas a 26. “A maioria delas pode ser consolidada, excluída ou melhorada. Daí a importância da participação da UERJ nesse processo. Por que fizemos 2.000 leis? Não tínhamos estrutura nem conhecimento técnico para opinar em algumas”, alegou o deputado. Ele também chamou a atenção para a quantidade de papel gasto na aprovação de uma lei: cerca de 40 páginas.

A Reitora em exercício Christina Maioli disse estar orgulhosa, principalmente como cidadã,

de participar da cerimônia, pois o trabalho desenvolvido por essa parceria vai permitir que as leis possam ser de fato fiscalizadas, cumpridas e, principalmente, conhecidas por todos. Ela destacou que a aproximação com a Alerj e com a sociedade tem sido uma preocupação constante da UERJ e citou como exemplo a participação e as contribuições da Universidade no Fórum de Desenvolvimento Estratégico do Estado, entre outras cooperações. “É preciso parabenizar esta Casa pela iniciativa de rever cerca de 5.700 leis. Trata-se de uma tarefa enorme e, para nós, é importante estarmos participando desse processo. Vamos colaborar da melhor forma subsidiando tecnicamente o trabalho dos legisladores dentro da nossa expertise, criando grupos de

trabalho para avaliar as leis por setores de atuação, como nas áreas da saúde, da administração, engenharia e urbanismo, de forma a contribuir com a sociedade fluminense”, destacou a Reitora em exercício. Regina Henriques, Sub-reitora de Extensão e Cultura, disse que essa é mais uma oportunidade de colocar a Universidade a serviço da comunidade, já que é fundamental a UERJ estar atenta aos movimentos do meio no qual se insere; que esteja presente e contribuindo para a solução de problemas próprios da sociedade. Ela esclareceu que o trabalho será conduzido principalmente no setor de extensão da Universidade e que consiste em outra opção para os estudantes, que podem assim ter experiências diversificadas que colaborem para a qualidade da sua formação. Na mesma ocasião a vereadora Rosa Fernandes entregou à Reitora em exercício Christina Maioli uma moção de louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro ao Reitor Ricardo Vieiralves pela participação da UERJ no projeto que, para a vereadora, é inédito no país. Ela adiantou que pretende levar a mesma proposta para o poder legislativo municipal.

NÚMERO DE LEIS CRIADAS POR ANO NO ESTADO DO RIO

2011	173
2010	204
2009	286
2008	186
2007	203
2006	280
2005	210
2004	223
2003	204

Fonte: Comissão Especial pelo Cumprimento das Leis

Rede Sirius chega aos 50 anos com acervos abertos para consulta

Aproveitando a comemoração dos 50 anos da Rede Sirius (completados em setembro), o sistema de bibliotecas da UERJ também está celebrando os 20 anos de existência da Biblioteca Comunitária, criada para atender os alunos do ensino fundamental e médio e a comunidade externa à Universidade. A consulta a livros nas bibliotecas da Rede é permitida a todas as pessoas, mesmo aquelas sem vínculo com a Instituição. Na biblioteca comunitária os públicos interno e externo podem se registrar para ter acesso aos livros na forma de empréstimo domiciliar: “Muitos que se inscrevem nesta biblioteca não conheciam um espaço como este, muito menos um acervo aberto para a comunidade dentro de uma universidade”, comenta a bibliotecária-chefe Yára Mello da Silva. O acervo da Biblioteca Comunitária é formado por livros didáticos e paradidáticos, obras de referência, coleções de revistas de interesse geral, folhetos e artigos de jornais indexados. Quem quiser se inscrever para frequentar a biblioteca precisa apresentar duas fotos 3x4 recentes e os seguintes documentos (originais e cópias): carteira de identidade, CPF e comprovante de residência.

Acervo raro e iconográfico

O Núcleo de Memória, Informação e Documentação da Rede Sirius abriga um acervo de cerca de 2.000 livros, iconografia e atos normativo, além das obras editadas pela Editora da UERJ. O setor de obras raras foi formado a partir da extinção da Biblioteca de Referência e da antiga Biblioteca Central. Os próprios usuários da Universidade identificaram exemplares de livros raros e preciosos, muitos deles adicionados ao acervo por meio de doações. Em 1998, com a criação da Rede Sirius, as obras que eram consideradas raras foram então reunidas e tratadas. Os livros desse conjunto seguem critérios que facilitam a identificação do material pelo bibliotecário: “A catalogação é diferente, pois a descrição dos livros é mais detalhada e inclui informações como as variações de tinta e a indicação de autógrafos”, explica Luciana Avellar, coordenadora do Núcleo. Fazem parte do acervo periódicos e revistas raras, catálogos e anuários publicados pela Universidade. As obras estão guardadas em estantes especiais

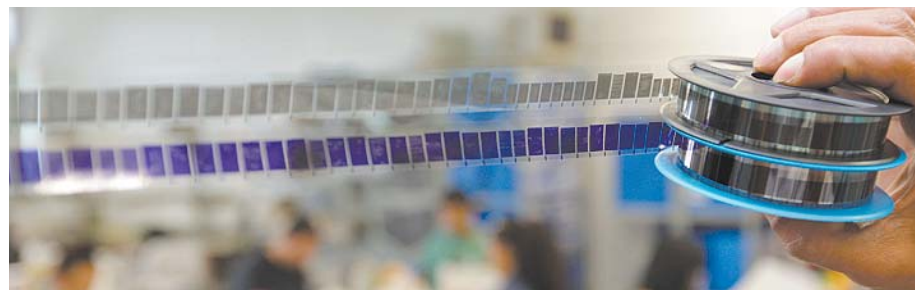
deslizantes fechadas, que ocupam menos espaço e ajudam a preservar as publicações. O material pode ser consultado por alunos da pós-graduação e da graduação, ainda que o perfil do acervo esteja destinado aos pós-graduandos. Devido à necessidade de conservação do material, não é permitido o empréstimo domiciliar nem fotocópias, mas os usuários podem consultar ou fotografar as obras na própria biblioteca.

Boletim

Informações e documentos jurídicos referentes a decisões internas da Universidade também podem ser consultados agora pelo público interno e externo à Universidade. A seção Legislação, disponível no Portal UERJ em <www.boluerj.uerj.br>, é uma maneira de oferecer acesso aberto à legislação e documentação oficial e reforçar o propósito público da Instituição. Antes da digitalização, a documentação impressa era enviada para todos os departamentos, o que acarretava demora na divulgação das decisões, além de grande consumo de papel. O setor responsável pela organização, digitalização e publicação desses documentos é o mesmo Núcleo de Memória, Informação e Documentação da Rede Sirius. Na área de acesso na internet existem *links* para resoluções do Conselho Universitário; deliberações do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão; provimentos do Conselho de Curadores; atos executivos do Reitor; e portarias emitidas pela Reitoria, pela SRH, pelo Hupe e pelo Cepuerj. Para facilitar a pesquisa foi criado um sistema de busca por palavras-chave.

Segundo Willian Sampaio Mota, servidor mais antigo da Rede Sirius e arquivista responsável pelo procedimento, “a distribuição dos documentos gerava um gasto de 10 mil cópias para cada ata, pois departamentos, setores e afins recebiam uma cópia do documento”. Hoje os documentos são atualizados constantemente, encaminhados ao Núcleo pela Secretaria dos Conselhos que realiza as publicações em parceria com a Diretoria de Informática. Os documentos produzidos desde 1954 também estão sendo digitalizados para inserção no banco de dados. Neste momento, está sendo feita a digitalização do material referente a 1994 e 1995.

Cepuerj completa 40 anos de prestação de serviços



Criado em 1971, o Centro de Produção da UERJ (Cepuerj) comemorou 40 anos de atividades em setembro com o olhar voltado para o futuro. Consolidado no mercado de prestação de serviços do Rio de Janeiro como referência em atendimento, o Cepuerj investe na proposta de se tornar uma unidade de negócios e valorizar o conhecimento gerado pela produção acadêmica e técnica da Universidade. Também oferece aos estudantes possibilidades de capacitação profissional por meio de estágios e apoio a projetos, cursos e eventos acadêmicos. Para registrar as décadas de atividades do Centro foi lançada uma revista comemorativa. Na cerimônia de registro da data, o Reitor Ricardo Vieiralves apontou o centro de prestação de serviços como um “cartão de visitas” da instituição neste momento de boa perspectiva para o desenvolvimento econômico e social do Rio de Janeiro.

São quatro as linhas de serviço oferecidas pelo Cepuerj: microfilmagem e digitalização de documentos; concursos e processos seletivos; cursos e treinamentos empresariais; e apoio técnico a projetos, consultorias e serviços laboratoriais. O setor de microfilmagem, credenciado em 1974 pelo Ministério da Justiça, já foi o maior da América Latina produzindo 1,5 milhão de fotogramas mensais, mas perdeu espaço na década de 80 quando os equipamentos ficaram obsoletos. Em 2010 o setor foi reequipado com maquinário de ponta, a equipe treinada e a microfilmagem voltou a atender grandes clientes, como a Secretaria de Estado de Saúde, e também à demanda da própria Universidade, como os projetos de digitalização dos prontuários do Hospital Universitário e dos documentos da Diretoria de Administração Financeira. A linha de cursos e treinamentos empresariais é a mais antiga do Centro de Produção. Inclui cursos de extensão, pós-graduação, especialização *in company* (oferecidos a grupos fechados de empresas) e de idiomas criados por pro-

fessores da UERJ. Os cursos são aprovados pela direção das unidades, cadastrados nas sub-reitorias a que estão vinculados e chegam ao Cepuerj para serem administrados e divulgados. “Não podemos realizar nada sozinhos, precisamos trabalhar sempre com outras instâncias e unidades da Universidade. Somos um órgão oficial e legítimo, instituído para atuar como ponte com a sociedade, para ser um facilitador”, explica Lília Cavalcante, diretora em exercício do Centro de Produção.

Entre as linhas de serviço, a maior expectativa de crescimento é para a de cursos e processos seletivos, criada em 1989. Inicialmente, sua estrutura atendia os processos seletivos da própria UERJ, como residências médicas e jurídicas, mas hoje possui na sua lista de clientes empresas, prefeituras e órgãos públicos de todo o país. A equipe técnica executa desde o levantamento de necessidades do contratante até o relatório final, passando pela elaboração de edital, emissão de cartões de inscrição, preparação de provas e treinamento da equipe de fiscalização.

Como os serviços do Cepuerj são remunerados, isso faz com que o Centro de Produção opere também como setor de captação de recursos para a Universidade. Lília Cavalcante esclarece que 50% da arrecadação são destinados à unidade acadêmica do projeto e o restante é aplicado em parte na manutenção do Cepuerj e em outra parte destinada a obras, reformas e equipamentos da UERJ: “Os projetos não são para gerar lucro, precisam ser autossustentáveis, pagar o professor responsável pelo curso ou pela consultoria fora de seu horário normal de trabalho, manter a estrutura administrativa e os profissionais contratados. O restante é destinado a investimento, como a obra em 2010 no pavilhão João Lyra Filho; a compra de mobiliário para o novo prédio da Faculdade de Odontologia e os novos equipamentos da microfilmagem”, aponta a diretora em exercício.

Extensão

Socialização e inclusão por meio da arte são propósitos de projeto

Passeando às margens da Baía de Guanabara, na praia de Inhaúma, dona Orosina Vieira se encantou com o local e construiu sua casa na faixa de areia junto ao mar. Instalava-se ali, na década de 40, a primeira moradora do atual complexo da Maré, com o barraco original erguido na região onde hoje está a favela Morro do Timbau. Depois de dona Orosina, em especial a partir de 1946, com a construção da Avenida Brasil e a instalação de indústrias na região, a ocupação daquele espaço ganhou força. Com vegetação composta basicamente por manguezais, a área teve a maioria de suas casas erguidas em palafitas. Isso favoreceu o processo de poluição do entorno das favelas ao longo dos anos, porque muitos moradores jogavam o lixo embaixo de suas casas e esperavam a maré subir para levá-lo embora. Esse costume se juntou ao material tóxico de esgotos oriundos de diversos bairros da cidade e dos aterramentos constantes sem planejamento adequado, que poluíram as águas da Baía de Guanabara e reduziram suas margens, principalmente as do canal do Fundão e arredores, impedindo a circulação de embarcações e a pesca, fonte de renda de grande parte das famílias do local.

Diante dessa situação e com o objetivo de revertê-la, a Secretaria de Estado do Ambiente, com recursos de compensação ambiental da Petrobras, criou em maio de 2009 o Programa de Revitalização e Recuperação Ambiental do Canal do Fundão e seu Entorno. Entre várias ações desenvolvidas como parte do Programa, a Superintendência de Educação Ambiental convidou a UERJ para colocar em prática um projeto de educação ambiental e comunicação social. *Damaré*, como é chamado o projeto, oferece oficinas e atividades educacionais aos habitantes do Complexo com a finalidade de ensino, geração de renda e emprego: “É uma contrapartida da Secretaria, em termos sociais, em função das obras de despoluição do canal que estão sendo realizadas. O projeto possuiu várias vertentes, como os núcleos de memória, de pesca, de catadores de materiais recicláveis, de cultura e de formação de monitores socioambientais”, explica Ana Maria Santiago, professora da UERJ e coordenadora na Secretaria do Ambiente.



Coart/UERJ investe em formação cultural na Maré



Visitantes revivem no Museu a história da favela



A oficina de dança do ventre, um pedido da comunidade, recebe alunos de todas as idades

A parte cultural do projeto, desenvolvida dentro do espaço Museu da Maré, localizado no Morro do Timbau (Avenida Guilherme Maxwell nº 26), é dirigida pela Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (Coart) vinculada ao Departamento Cultural / SR3, sob a coordenação

da professora Aureanice de Mello Corrêa. “Não trabalhamos com o conceito de educação ambiental no sentido de proteção da natureza, mas sim com a ideia de bem viver. Por isso pensamos em um núcleo cultural dentro desse projeto. Incentivamos a questão da arte como elemento de

fruição e de busca de talentos e também de inclusão social e valorização do indivíduo”, esclarece. Para a coordenadora da Coart, a função de resgatar a autoestima dos moradores da favela é o principal objetivo de todas as atividades desenvolvidas no projeto *Damaré*. São oferecidas aulas de danças do ventre, afro, de salão, hip-hop e jazz. Também há duas turmas de balé: *baby class*, para crianças de três a cinco anos, e infantil, para aquelas de seis a 11 anos. As oficinas de teatro, artesanato em papel e tecido também estão entre as opções. “Trouxemos várias oficinas para o Museu e trabalhamos com os participantes por meio do diálogo. Pensávamos que as mulheres iam querer uma aula específica e conversando com elas percebemos que elas possuíam suas próprias demandas”, comenta Aureanice sobre a inclusão de atividades no projeto.

Entre as adaptações feitas nas oficinas depois de conversas com a comunidade está o curso de artesanato em papel, que trabalha exclusivamente com material ecológico e reciclado, reforçando a questão ambiental. Oficinas que existiam antes da chegada do projeto foram aprimoradas, como o grupo de teatro e as artesãs Marias Maré. O interesse da comunidade pelo *Damaré* ultrapassou os limites do Museu e a direção do Posto de Saúde do Timbau pediu à professora do curso de yoga, Sonia Roldão, para desenvolver um trabalho com as grávidas atendidas pelo setor. As surpresas dentro desse ambiente antes desconhecido não cessavam: “Achávamos que a maioria dos alunos do curso de yoga seria do sexo feminino, mas vários homens frequentam. Isso significa que precisamos repensar a favela. Será que os seus moradores estão tão à parte assim da sociedade em geral? O que estava faltando era a oportunidade de ter acesso à cultura e também de se sentir parte produtora de cultura. A história das favelas do Rio é muito rica”, diz Aureanice. As oficinas de arte são gratuitas e oferecem um total de 330 vagas. Hoje, o complexo da Maré é composto por 16 favelas. O Morro do Timbau, de dona Orosina Vieira e do Museu da Maré, tem cerca de 10 mil moradores e ocupa uma área de 14,8 hectares.

Pesquisa

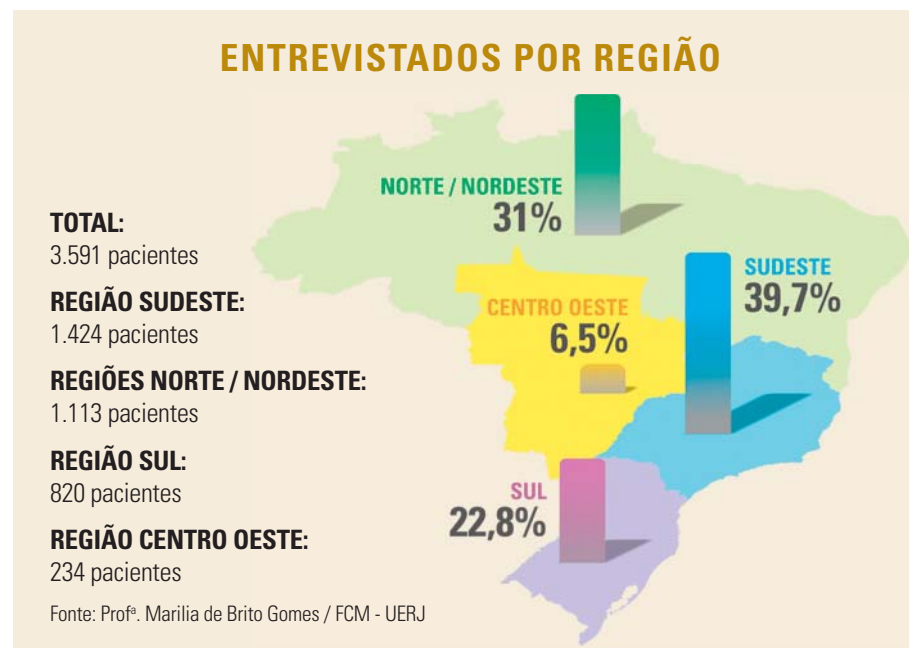
Estudo inédito no país alerta para a falta de controle do diabetes

UERJ coordena o Estudo Multicêntrico de Diabetes do Tipo 1 no Brasil

Celebrado desde 1991 em 14 de novembro, o Dia Mundial do Diabetes foi criado pela Federação Internacional de Diabetes (FDI, na sigla em inglês) e pela Organização Mundial de Saúde como resposta ao interesse global pelo conhecimento da doença. Até agora, porém, não há muito a comemorar: estimativas da OMS mostram que atualmente cerca de 350 milhões de pessoas no mundo são portadoras de diabetes e a Organização prevê que esse número pode dobrar até 2030. No Brasil, um dos mais completos levantamentos sobre diabetes, coordenado pela endocrinologista e professora da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ Marília de Brito Gomes, revelou que a maioria dos brasileiros não tem a doença sob controle.

Intitulado *Estudo multicêntrico de diabetes do tipo 1 no Brasil*, a pesquisa foi realizada entre dezembro de 2008 e dezembro de 2010 com 3.591 pacientes – entre crianças, adolescentes e jovens adultos, a maioria mulheres (56%) e de cor branca (57,1%) – de 27 clínicas públicas de atendimento secundário (postos de saúde diferenciados, com várias especialidades médicas) e terciário (hospitais), localizadas em 20 cidades de todas as regiões. O objetivo do estudo foi traçar um espelho de como está sendo feito o acompanhamento da população portadora de diabetes do tipo 1. Contou com a colaboração de especialistas de todo o país e com o apoio do Ministério da Saúde, da Sociedade Brasileira de Diabetes, da Faperj, do CNPq e da Fiocruz. Os entrevistados responderam ao questionário durante as consultas médicas.

O diabetes melito é uma doença metabólica caracterizada pelo aumento anormal do açúcar ou da glicose no sangue. O tipo 1 é uma doença autoimune, na qual o sistema de defesa do organismo ataca as células que fabricam a insulina. Portadores desse tipo da doença produzem pouco ou nada dessa substância e, sem ela, a glicose não chega às células que, consequentemente, não conseguem fabricar energia. Com o passar do tempo, as altas taxas de glicose acumuladas no sangue podem causar problemas no coração, olhos, rins ou no sistema nervoso. O diabetes do tipo 1 pode surgir em qualquer idade, apesar de



ser mais frequente em pessoas com menos de 35 anos.

O estudo mostrou que cerca de 20% dos entrevistados (com média de idade de 21 anos) chegam a ter controle ideal do diabetes: “Nossos pacientes estão mal compensados, com uma hemoglobina glicada (exame que aponta se o controle de glicemia foi ou não eficaz no período anterior de 90 dias) de 9,1, quando o controle adequado deve ser menor que 7,0”, explica a professora da FCM/UERJ e endocrinologista Marília de Brito Gomes. A coordenadora assinala que esse quadro pode levar os portadores do diabetes a desenvolverem problemas graves de saúde: 20% já apresentam complicações crônicas como retinopatia (doenças degenerativas não inflamatórias da retina que pode provocar a cegueira); problemas renais e complicações cardiovasculares que podem levar o paciente à amputação. “Isso custa muito para o sistema de saúde e diminui a qualidade de vida do paciente. Se ele não enxer-

ga bem e tem um trabalho mais específico, que precise da visão, ele não poderá mais trabalhar. Hoje, 2,5% da população jovem está aposentada por causa das complicações”, diz a professora, acrescentando que o diabetes é a porta de entrada para todas as doenças.

De acordo com a Lei Federal 11.347/06 todos os pacientes portadores do diabetes devem receber gratuitamente do Sistema Único de Saúde medicamentos e materiais necessários à aplicação e monitoramento da glicemia capilar. Mas para a professora Marília o problema pode estar tanto na falta de conscientização dos pacientes como dos profissionais de saúde: “Eu diria que os portadores do diabetes recebem 90% do tratamento ou mais e mesmo assim não estão conseguindo fazer o controle. O portador da doença e o profissional de saúde têm que mudar de atitude. Esse paciente deve ser educado, entender que recebe tudo isso, que precisa melhorar e seguir o tratamento”, enfatiza.

OUTROS TIPOS DE DIABETES

Além do diabetes do tipo 1, há também outros dois principais tipos da doença: o do tipo 2 (mais comum) e o gestacional. No diabetes do tipo 2, apesar de o pâncreas produzir insulina, organismo não consegue utilizá-la com eficácia, fazendo com que haja aumento nos níveis de glicose no sangue. Uma das principais causas do tipo 2 são o excesso de peso e falta de atividade física. O diagnóstico geralmente ocorre após os 40 anos. O do tipo gestacional consiste na alteração das taxas de açúcar no sangue da mulher, que surge ou é detectado pela primeira vez durante a gravidez. Essa condição pode persistir ou não após o parto.

Entre outros problemas que funcionam como barreiras para o tratamento do diabetes estão a falta de escolaridade e a baixa renda. A professora disse estar surpresa com o alto número de analfabetos entre os pesquisados: “O diabetes é uma doença extremamente complexa, que requer que o paciente tenha uma capacidade funcional de entender o tratamento para conseguir se tratar. Se o portador da enfermidade não tem nível de escolaridade e capacidade funcional adequada, ele não vai se tratar bem. Baixa renda associada com baixa capacidade funcional é igual a desastre”, sentencia.

O *Estudo multicêntrico de diabetes do tipo 1 no Brasil* também revelou que 42% dos diabéticos, principalmente crianças, foram diagnosticados a partir de cetoacidose, uma das complicações agudas mais graves da doença, que requer internação e pode ocasionar a morte. Diante desse quadro, Marília registra a necessidade de se observar alguns sintomas, como vontade frequentemente de urinar; sede e fome constantes; perda de peso; cansaço sem explicação; visão embaçada. O diagnóstico precoce da doença pode minimizar o problema; para isso, a especialista defende a importância de as secretarias de educação e de saúde promoverem ações com a finalidade de alertar médicos e professores sobre principais sinais e sintomas, porque “o diabetes é uma doença silenciosa, fica quieta a vida inteira e só vai se revelar quando o paciente tem uma complicação”, alerta.

No estado do Rio de Janeiro a pesquisa indica que a capital aparece como uma das cidades com os melhores resultados: 30% dos pacientes apresentaram controle bom da doença, enquanto em Fortaleza o índice foi de 27% e em São Paulo de 17%. Há uma heterogeneidade no Brasil, mas o fator responsável por essa situação ainda não foi determinado. A professora Marília adianta que a próxima etapa do levantamento será a análise detalhada dos resultados, que deve demorar cerca de um ano. Ela está programando para 2012 um fórum de discussão sobre o caminho a ser seguido no tratamento desses pacientes.